

Vivendo a USP – uma ponte entre a escola pública e o ensino superior

O Auditório do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP) recebeu, na manhã do dia 9, o minissimpósio Vivendo a USP, sobre o projeto que há seis anos atua estabelecendo uma ponte entre estudantes da rede pública e a universidade.

Por meio de visitas orientadas a espaços educativos e museus da USP, estudantes entram em contato com o mundo universitário

O encontro reuniu professores e diretores das escolas participantes, representantes das diretorias de ensino, além de dirigentes e autoridades da USP para a apresentação dos trabalhos concebidos neste ano. O evento favoreceu a troca de experiências entre as unidades escolares e permitiu fazer um balanço do projeto no último ano.

Por meio de visitas monitoradas a seis espaços educativos da universidade (Parque CienTec, Estação Biologia, Grupo de Pesquisa em Ensino de Química, Museu de Anatomia Veterinária, Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arqueologia e Etnologia), além do Instituto Butantã, o projeto Vivendo a USP pretende despertar o olhar do estudante da escola pública para a vida universitária.

Orientação – O trabalho se desenvolve ao longo do ano letivo e inclui, além das visitas, a capacitação dos professores das escolas. Tudo com o apoio de docentes, alunos de graduação e pós-graduação da USP (atuando como bolsistas ou



Espaços educativos – Alunos em atividade no Grupo de Pesquisa em Educação Química, do IQ-USP

voluntários), bem como de educadores dos diversos institutos e museus.

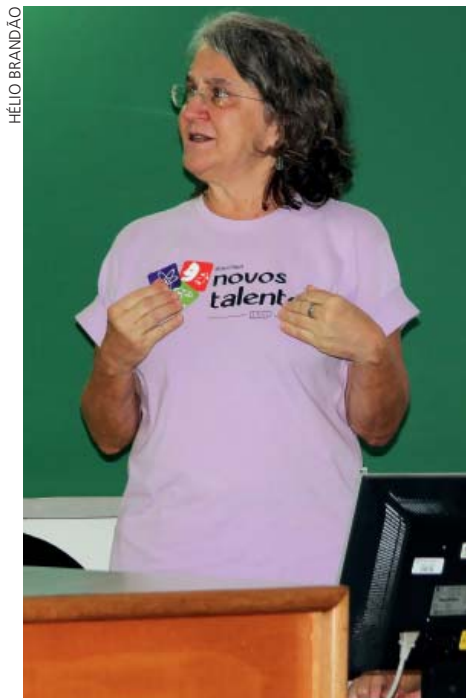
Atualmente, nove escolas estaduais participam do programa e, a cada ano, 40 estudantes de cada unidade são selecionados para integrar o programa. A escolha tem como base o desempenho escolar, engajamento e proatividade do aluno. Os 360 estudantes ficam, então, incumbidos de replicar os conteúdos aos outros alunos da sua escola. Para isso, recebem o apoio dos educadores dos museus e também de alunos da própria USP, que vão até as escolas orientá-los na elaboração de atividades.

Os professores participam de reuniões mensais nas quais recebem orientações sobre como preparar o material de apoio com base nos conteúdos assimilados durante as visitas. Para auxiliar ainda mais, cada museu ou espaço educativo oferece ferramentas modernas com metodologia interativa. Ao final do ano letivo, uma gincana reúne os 360 participantes no Parque CienTec para

uma grande competição. Quem acertar o maior número de problemas e questões sobre os espaços visitados sagra-se vencedor da disputa.

Resultados – De acordo com a idealizadora do projeto, a professora e pesquisadora do Instituto de Física (USP) Vera Bohomolez Henriques, os resultados têm sido encorajadores: “Os relatos que recebemos de professores revelam um aumento na busca desses estudantes pela continuidade dos estudos, na medida em que descobrem a possibilidade da universidade pública. Eles se encantam pela universidade, pelo conhecimento, pela ciência e pelos estudos, o que resulta num desejo maior por cursar o ensino superior”, observa.

As mudanças positivas são notadas também no dia a dia: “Uma vez que, para integrar o projeto, é preciso ter atitude participativa, surge uma dedicação acentuada de todos, o que modifica positivamente o ambiente escolar”, ressalta a professora.



Professora Vera: “Resultados são encorajadores”

Os ganhos não se restringem apenas aos estudantes. Na outra ponta, educadores de museus ressaltam a importância de poderem conhecer o resultado de seu trabalho com os estudantes. Isso, porque os espaços já costumam receber grupos escolares de forma pontual. No projeto Vivendo a USP, ao contrário, o trabalho é contínuo durante as visitas. Os benefícios desse contato com estudantes da rede pública estendem-se também aos alunos da USP em geral, especialmente os de licenciatura, que passam a ver nessas escolas uma possibilidade de aprendizado.

“A formação prática do professor ainda é muito direcionada para o livro. Falta um contato com a realidade escolar. Na escola atual, temos toda a variedade da sociedade brasileira. Temos de conhecer e entender esse público e trabalhar com ele. Queremos mostrar que é possível a colaboração universidade-escola”, conclui.

Roseane Barreiros
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

Etec e Fatecs desenvolvem projetos de tecnologia assistiva

A Escola Técnica Estadual (Etec) Presidente Vargas, localizada em Mogi das Cruzes, na Região Metropolitana de São Paulo, utilizou a obrigatoriedade do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para incentivar os jovens a intervir positivamente na sociedade. Os alunos do curso técnico de Mecânica foram desafiados a desenvolver tecnologias assistivas para melhorar a vida de pessoas com mobilidade reduzida.

A ação resultou em sete projetos cujos produtos finais serão doados a instituições locais de assistência. “Normalmente os alunos apresentam temas de diversas áreas ligadas à tecnologia, meio ambiente e saúde. São melhorias em máquinas e equipamentos, que permitem a aplicação das habilidades e competências de componentes interdisciplinares”, diz um dos orientadores dos trabalhos, professor Cláudio dos Santos. “Quando propusemos esse direcionamento para as pesquisas, os alunos abraçaram a ideia.” Os TCCs foram apresentados no dia 7.

Entre os projetos, orientados pelos professores Cláudio dos Santos e João Takaoka,

estão um suporte que possibilita ao cadeirante ficar em pé; um triciclo para pessoas com paraplegia; um guincho que facilita a transferência de pacientes idosos, pessoas obesas, com deficiência, locomoção limitada

ou com paralisia; e muletas com sistema de amortecimento. Entre os acessórios para cadeiras de rodas, há um dispositivo que permite ao cadeirante realizar trajetos com o auxílio de um ciclista e um adaptador para

permitir subida em calçadas não rebaixadas sem auxílio de terceiros.

Ações inclusivas – Outra boa notícia na semana em que se comemorou o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (3 de dezembro) foi a exposição de projetos desenvolvidos por estudantes de três Faculdades de Tecnologia do Estado (Fatecs) – de Itu, Mogi das Cruzes e Tatuí – na final do Prêmio Ações Inclusivas para Pessoas com Deficiência, que ocorreu também no dia 7, na sede da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

A premiação reconheceu as dez melhores práticas inclusivas entre os mais de cem projetos inscritos. O certame teve a participação de representantes da gestão pública, de instituições não governamentais sem fins lucrativos e meios digitais. De acordo com a secretaria, o Brasil tem aproximadamente 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Somente no Estado de São Paulo são mais de 9 milhões.

Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial
Assessoria de Imprensa do Centro Paula Souza



Desafio – Produtos criados por estudantes serão doados a instituições sociais